



As obras de recuperação da escadaria estão paralisadas e os comerciantes reclamam do entulho amontoado

AJ 11.334

Comunidade cobra da PMV restauração de escadaria

A Prefeitura de Vitória tem até o final desta semana para retomar as obras da Escadaria Maria Ortiz no centro da cidade. Caso contrário, irá enfrentar a ira dos comerciantes instalados no local, que se dizem prejudicados com a paralisação dos serviços, cujo embargo foi determinado no dia 12 passado pela Secretaria Municipal de Obras, depois de denúncias de que a escadaria, considerada histórica, poderia ser descaracterizada.

Antonio Carlos Pazolini, proprietário do restaurante Moqueca Capixaba, está reunindo seus colegas para um protesto junto à Prefeitura de Vitória. "Todos os comerciantes daqui estão tendo prejuízos. A escadaria está um lixo só, pois os garis não estão varrendo. Felizmente, ainda não tem manilha quebrada. Mas uma obra importante como esta não pode ficar paralisada eternamente. Aliás, eles não tinham nada que fazer aqui, pois a escadaria é histórica e não pode ser descaracterizada".

Projeto

A Prefeitura de Vitória tem um projeto para recuperar as escadarias do município e decidiu começar as obras pela Maria Ortiz. A empresa contratada foi a Cinco Estrelas Comercial e Incorporadora Ltda. Várias placas com os dizeres "estamos trabalhando — Governo do Povo-PMV — Administração Hermes Laranja" foram colocadas no local e as obras iniciadas no dia nove passado. O protesto do Conselho Estadual de Cultura (CEC) não tardou e o embargo foi determinado.

Pilhas de madeiras estão acumuladas hoje na escadaria, próximas a montes de pedras, que originalmente compunham o cenário do local. Praticamente todo o lado direito de quem sobe a Escadaria Maria Ortiz teve o piso retirado antes do embargo. Segundo Antonio Carlos Pazolini, a Prefeitura de Vitória prometeu a recuperação completa em três meses. "Mas aqui ninguém acreditou nisso. E não vamos aceitar a paralisação da obra eternamente. Isto aqui é o retrato fiel dos órgãos que administram a coisa pública: quebraram o que estava servindo à população, um patrimônio histórico, quando teriam que tapar valas e consertar ruas em localidades da periferia", afirma.

Na opinião do comerciante, as pedras terão que ser recolocadas no local. Mas ele próprio levanta uma dúvida: "Como farão isto se retiraram as pedras inteiras e depois as arrebentaram com marretas? Essas pedras já eram. E tem mais: pintaram primeiro a escadaria para depois arrebentar tudo".

Uma das laterais está escorada por pedras, que são por sua vez colocadas sobre a terra. "Estas laterais podem cair", adverte Bruno Sorrentino, dono de um armarinho. "Se der um temporal daqueles bons, vai ser um desastre". Para ele, a escadaria, mesmo que decidam colocar as pedras originais no lugar, não será a mesma. "Como, se quebraram as pedras? Eles não deviam é ter mexido aqui", diz.

Tubalcaim Nogueira é o dono da Livraria Salesiana. Ele faz coro a seus colegas em apoio ao protesto previsto para a esta semana, caso as obras não recomecem. "Se fosse mantido o padrão, estas obras seriam aceitáveis. Mas assim não pode ficar. A prefeitura tem de definir o mais rapidamente possível o que vai fazer. Aqui veio um funcionário que ameaçou a limpeza da área, mas ficou só na ameaça".

Antonio Carlos Pazolini afirma que os comerciantes "serão duros" com a prefeitura, pois não estão dispostos a ter mais prejuízos em função das obras paralisadas na escadaria Maria Ortiz. O secretário de Obras da Prefeitura de Vitória, Arthur Campagnoli, informou, na noite de sexta-feira, que está esperando uma definição sobre o assunto a partir das discussões do setor de Cultura do Estado e da PMV.

Depois disso, acrescenta, "sabemos se vamos continuar a obra ou se faremos a reposição do material". As pedras utilizadas na escadaria são chamadas "pedras de cantaria", de corte artesanal e que pesam 300 quilos cada bloco. Este material "não é mais encontrado. Nossa idéia era aplicar o concreto na escadaria com revestimento de placas de dez centímetros de granito, com o mesmo acabamento original", explica Campagnoli.

Erro

Ele admitiu que a prefeitura errou ao não ouvir o Conselho Estadual de Cultura sobre a reforma pretendida, considerando que o local é histórico. E procura se redimir: "Se o órgão de cul-

tura determinar, vamos repor tudo no lugar". Campagnoli acrescenta que terá que fazer um acordo financeiro com a empreiteira neste caso, pois o contrato terá que ser revisto.

Para justificar a pintura na escadaria, antes das obras, o secretário da PMV disse que "não sabíamos que a escadaria seria recuperada. A decisão neste sentido veio depois". Para ele, a descaracterização da Escadaria Maria Ortiz começou há muito tempo, pois aplicaram "blokitos em lugar do ladrilho hidráulico que existia nos patamares".

Símbolo

A maioria das pessoas que passava ontem cedo pela Maria Ortiz se disse contrária à realização de obras na escadaria. Argumentaram que teriam de ser feitas por partes e com cuidados especiais para que tudo fosse recolocado nos lugares de origem.

"Eles deviam deixar como está, pois isto é um símbolo de Vitória. A escadaria é muito velha e não podem estragar nada aqui". A frase é de Alex Sandro Henrique da Silva, 11 anos, vendedor de picolé, aluno do quarto ano da escola primária e residente na rua Anchieta, 8, em Argolas. Luiz Carlos Correa Bastos, residente na rua 8, 91, em Cariacica, concorda com a recuperação da escadaria, mas acha que o material devia ser conservado. Terezinha Ferreira, residente na avenida Maruípe, 126, afirma que não se pode mexer em nada do patrimônio histórico. "Esta escadaria tinha de ser preservada. Este foi um dinheiro gasto sem necessidade. Tem muitas coisas que eles, da prefeitura, precisam ver e não estão vendo".

Ricardo Rodrigues, funcionário da Companhia Vale do Rio Doce, morador na rua Dora Vivacqua, 150, em Jardim Camburi, não criticou a reforma por entender que "por aqui passa muita gente. Devem modernizar, sim, e dentro das possibilidades da prefeitura. Este é um único acesso decente da Praça Oito à cidade alta, para pedestres". Quem também acha que a obra foi "totalmente desnecessária e que tinham de preservar a escadaria em seus aspectos originais" é João Félix Ayres de Almeida, que mora na rua Ormando de Aguiar, 184, centro.